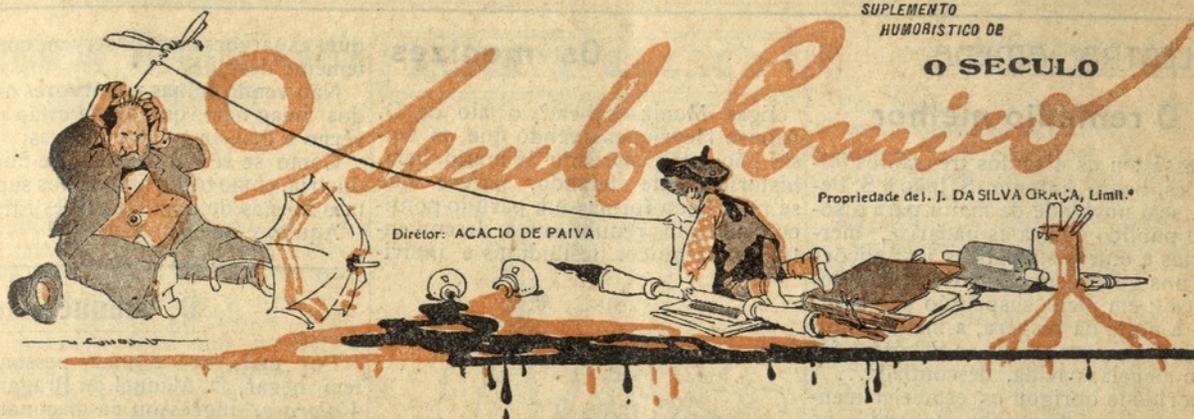


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Kolossalississimo!

«Nos Estados-Unidos estão sendo construídos mil aviões por mez».

(Dos jornaes).



— Ka... ka... ka... ma... rada!

PALESTRA AMENA

O remedio melhor

Passaram os dias dos tres santos folgões, Santo Antonio, S. João e S. Pedro, sem novidade de maior para o socego publico e para as padarias, mercearias e outras simpaticas instituições que nos governam. Como Santo Antonio caiu em plena suspensão de garantias, a noite da vespera, a melhor noite de todo o ano para os lisboetas, foi sem alegria, pavidia, desconfiada... A autoridade obrigou os estabelecimentos a fechar á boquinha da noite, os alfacinhas a recolher com os respetivos galinaceos e só de quando em quando alguma bomba tímida, um ruido abafado como de estoiro com roda de bor-racha, lembrava em esquina escusa que o taumaturgo se festejava no dia seguinte.

A autoridade receava expansões claras e abertas, cumpria a hipotetica furia dos desordeiros com proibições de assustar, patrulhava, espregitava, estava pronta para a repressão violenta.

Mas rompeu o dia 23 e editais, assim como os placaras das folhas populares, anunciaram em letras gordas que se podia folgar á vontadinha, que a praça da Figueira estava aberta até pela manhã, para a venda de mangericos e cravos, para se guitarrear até partir os bordões, para se cantar, assobiar, berrar, dançar livremente.

E assim como a noite de Santo Antonio foi ameaçadora e negra, cheia de riscos, atepecendo a toda a gente o ir para a rua de bacamarte e todos os apetrechos usuais de revolta, assim a de S. João decorreu serena e despreocupada, sem o menor indicio revolucionario, em permanente gaudio, não passando pela cabeça de ninguem nem um simples assalto á mais modesta das tendas.

E semelhante á de S. João decorreu a de S. Pedro e decorrerão todas aquelas em que a autoridade mande folgar o povo, mostrando que n'ele confia. E' claro que se confiar tacitamente, cruzando os braços sem a menor palavra, não será certo que reine a paz e o socego; mas se, juntamente com essa confiança, recomendar ao povo que brinque e se divirta até mais não, pôde mandar recolher as tropas a quartéis e estar seguro de que enquanto durar a pandega o alfacinha não se lembra de outra coisa.

Pão e divertimentos prometiam os senhores ao povo romano, para que não desse pelas desgraças que o feriam; em Portugal não é necessario prometer tanto: é suficiente anunciar os *circenses*, porque a falta de pão já não nos causa o mais pequeno trans-torno.

Bom povo e sabios governantes!

J. Neutral.

Anedota

Uma viuva chora incessantemente seu defunto marido.

—Mas se tu propria, diz-lhe uma amiga, não te cançavas de repetir que ele era um animal?... —Pois, sim, mas eu tinha-o já tão bem domesticado...

Os «monizes»

Egas Moniz—sabem? o aio de D. Afonso Henriques—vendo que as coisas não estão correndo lá muito bem, historicamente falando, parece que se resolveu a formar um partido politico, juntando republicanos descon-entes, monarquicos desiludidos e indivi-



duos indiferentes, isto é, nem carne republicana nem peixe monarquico.

Conta já com uns poucos de adeptos, de reconhecidas qualidades de apreço: D. Teresa ou Tereja, o conde de Trastamara, Nuno Alvares Pereira, Afonso de Albuquerque, el-rei D. Diniz, etc.—tudo monarquicos não satisfeitos.

Quando a democraticos por enquanto apenas se alistaram no novo partido o primeiro marido de D. Leonor Teles e a padeira de Aljubarrota, o primeiro por ter recebido varias ofensas da real-za, a segunda por solidariedade para com os manipuladores de pão.

E' um partido de futuro, sem duvida, apesar de ser constituído com elementos do passado.

Nova industria «boche»

Na Belgica os soldados «boches» teem sido vistos a apanhar folhas das arvores, sendo depois ensacadas essas folhas e remetidas pelo caminho de ferro para a Alemanha. O facto intriga seriamente a nossa imprensa, que pergunta cheia de curiosidade para que procedem eles a tal operação.

Ora vamos lá a explicar:

Sabe-se que todos os anos os aliados juram e rejuram que pela primavera exercerão uma offensiva geral, que porá fim á guerra. Ora a primavera anuncia-



se pela folhagem, de onde uma ordem terminante do kaiser á sua gente para

que as arvores se conservem constantemente despidas.

Não vendo folhas nas arvores os aliados imaginam que ainda estão no inverno e deixam-se de offensivas.

Como se vê não se trata de nova industria, como os jornaes sérios supõem, mas apenas de uma medida estrategica.

Aquilo é que são espertos!

D. Manuel maçõ

Por mais que algumas pessoas tentem negar, D. Manuel de Bragança, o *Valoroso*, ingressou na maçonaria inglesa, pelos seus merecimentos e mais partes. Um dos quaes merecimentos, o principal, reside na coragem de que tem dado sobejas provas e que se accentuou vigorosamente no momento da iniciação.

Temos á vista uma carta d'um irmão, com muitas abreviaturas e pontinhos, descrevendo a attitude do novo pedreiro livre quando das terriveis provas para entrada na sombria seita.

Deram-lhe um copo de agua fresca dizendo-lhe que era veneno e ele bebeu sem hesitar. Entregaram-lhe uma pistola descarregada e ele, apontanda-a ao coração, deu ao gatilho com o maior sangue-frio. Fizeram-o saltar dois degraus d'uma cesada, afirmando-lhe que ele ia precipitar-se n'um abismo. Obrigaram-o a ler um trecho de «D. Inez de Castro», do Faustino da Fonseca, e ele não desmaiou: Leram-lhe um discurso



do Celorico Gil e o ex-rei ouviu intrepidamente.

Por fim disseram-lhe ao ouvido:—Lá vem o Machado dos Santos! Só então manifestou uma pequena preocupação, desatando a fugir como se tivesse uma bicha de rabião ao fundo das costas, mas depois d'uma hora de corrida socegou completamente, reconhecendo que tinham troçado com ele.

Coragem terá ele, mas medo não lhe falta, graças a Deus.

O espirito alheio

Um homemsinho da Moita vê anunciado n'um cartaz de teatro *As duas orfãs*. Dirige-se á bilheteira e pergunta:

—Aqui é que se vêem *As duas orfãs*?

—E', sim, senhor.

—Quanto custa?

—Seis tostões.

O da Moita:

—Dê cá um bilhete de tres tostões e mostrem-me só uma.

Biografia do Manecas, escrita por ele proprio

(Continuação)

Estava, positivamente, deslumbrado e de subito compreendi o motivo porque a natureza me tinha colocado olhos na cara. Em França, quando me apalpava, estranhava muito a existencia d'aqueles acidentes corporeos, como a de muitos outros que percebia e cuja utilidade não descortinava.

Por exemplo: para que serviria aquella saliencia por baixo dos olhos e que tinha o nome de nariz? E os dois buracos das orelhas? e a abertura infranarigal, a que se dava o nome de boca?

Os olhos eram para vêr, concluí eu triunfantemente. E, como me sentisse fraquissimo e de aí a pouco me tivessem metido na boca qualquer coisa mole e rosada que comecei a chupar furiosamente, percebi tambem para que a boca me servia: era para mamar.

Do nariz é que só conheci a serventia quando meu pai me colocou no berço, pela impressão desagradavel que se me transmitiu ao cerebro por meio da pituitaria: era para cheirar—e, na verdade, meu pai não era das pessoas mais aromaticas, que até então se tinham aproximado de mim.

Pouco a pouco ia assim tomando conta da minha pessoa, mas ainda ti-



nhas muitas coisas por inexplicaveis. A boca servia para mamar: mas para que demonio serviria a lingua que eu tinha dentro da mesma boca?

Reparei que as pessoas das minhas relações conversavam umas com as outras, e lembrei-me de que a lingua servisse para falar. Julgando ter feito uma grande descoberta, imediatamente comecei a movimentar esse orgão e a emitir sons ao mesmo tempo, mas em vão pretendia pronunciar qualquer palavra. Saíam-meguinchos, berros inarticulados que tentei gramaticar, mas tão desafinadamente o fiz, que o unico resultado que obtive foram uns poucos de açoites dados pela manapula de meu pai. Emfim, se não consegui falar, ao menos com essa experiencia comprehendí para que servia a calote esferica que me continuava as costas: para as palmadas paternaes e maternaes, porque não tardou que minha mãe, lá porque eu lhe molhei o colo em certa occasião—como se, não podendo falar, eu pudesse pedir para ir á retrete!—igualmente me assentasse os cinco dedos e a palma respetiva da mão direita na referida calote.

(Continua).

EM FOCO



Ana Pereira

No principio da minha mocidade Tive por ela uma paixão sombria. Que nasceu no Teatro da Trindade Na estreia, creio eu, da «Noite e Dia».

Quantos versos lhe fiz! mas em segredo. Que tinha acanhamento com atrizes, Uma certa vergonha, aquele medo Que é natural e proprio dos petizes

Mas hoje, que já sou um pouco antigo, (Como se diz em certa zarzuela) Se ela quizesse emfim, casar comigo, Não se me dava de casar com ela;

Porque a verdade é que a paixão que eu tinha Quando ás occultas lhe fazia trovas, Agora ao vê-la trémula, vélhinha, Tenho-a maior, porque a comparo ás novas...

BELMIRO.

Desconfiem dos jornalistas

Encontrámos a anedota que se segue n'um jornal estrangeiro e apressamo-nos a publica-la para que o leitor fique sabendo com quem lida.

Leoncavallo, o celebre compositor musical, assistia uma vez á representação dos *Palhaços*, opera sua, na platéa de um teatro da provincia, em terra onde supunha que ninguem o conhecia.

No fim do 1.º acto um espétador que estava a seu lado, exclamou com entusiasmo:

—Que maravilha! é realmente, prodigioso!

Leoncavallo, por brincadeira ou para disfrutar o visinho, comentou:

—Maravilha? Essa é boa! Isto presta lá para nada! A minha opinião é muito diferente da sua e creio que terá alguma importancia, porque sou musico.

Esta opera não tem valor nenhum; é plagiada de fio a pavio, é um conjunto de imitações. A cavatina, por exemplo, é copiada nota por nota, de Berlioz; o dueto do 2.º acto é de Gounod. Quanto ao resto da opera, não tem nada que possa considerar-se original.

No outro dia de manhã Leoncavallo, ao abrir um jornal da localidade, lia com assombro este titulo de noticia: *A opinião de Leoncavallo obre «Os palhaços»—Confissão do plagiato pelo proprio compositor.*

O espétador era jornalista e sabia perfeitamente quem era o visinho de platéa.

Cautela com os jornalistas, hein?

Aproveitamento de papel

Em Italia e na Hespanha já se decretaram medidas tendentes a resolver a crise da falta de papel, ordenando desde já applicações restritas, tanto no consumo particular como no official.

Por emquanto entre nós ainda nada se providenciou, continuando as repartições a gastar toneladas de papel em participações de cá-cá-rá-cá, metidas em enormes subscritos de papel de luxo.

Ora então, senhores da governança, é prevenir emquanto estamos a tempo. E se não podem quebrar a cabeça em coisas minimas, aí vae um projeto para lhes poupar trabalho:

Artigo 1.º—São abolidas as cartas de namoro. O namorado, porém, poderá dirigir-se por escrito á sua amada, num dos lados duma folhinha de papel Duc, respondendo ella no outro lado.

Art. 2.º—São suprimidas as cartas a pedir dividas. Se os devedores tencionam pagar, não são necessarias as cartas; se querem pregar cão, são inúteis.

Art. 3.º—É prohibido forrar casas a papel.

Art. 4.º—Os periodicos não terão dimensões superiores a um milimetro quadrado, com letras quasi infinitamente pequenas. Não apresenta esta modificação inconvenientes de maior, desde que se leia com microscopio.

Art. 5.º—Quanto a correspondencia official, a cada repartição do Estado será fornecida uma folha de papel almasso; nele se escreverá a tinta simpatica, devolvendo-se á procedencia depois de lida e apagada, para servir outra vez—e assim, sucessivamente. Para idéas, nós.

Bocage e os medicos

(Continuação)

XXIX

Disse a morte ao ver entrars:
Milhões d'almas nos abismo
—Bravo! bravo! que colheita!
Muito devo aos aforismos!

XXX

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade afonsina:
—Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina.

XXXI

A Morte perdendo a fouce
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
—Aqui tens esta receita.

(Continúa.)

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

6.ª PARTE

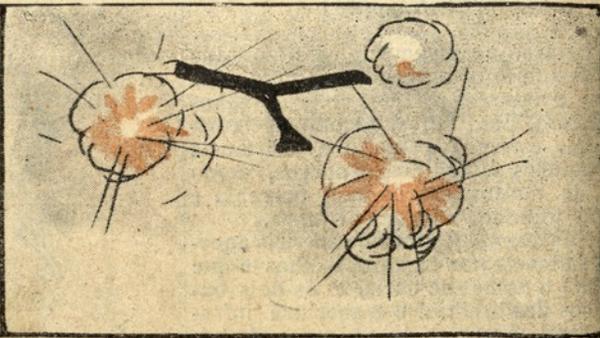
A MORTE DO PIRATA

1.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—Os manos falam ao comandante d'uma bateria e este cede-lhes um canhão especial contra aviões.



2.—De aí, começam a bombardear o monoplano do *Nartz de Folha*.



3.—e o aparelho cae por terra, ardendo rapidamente porque o canhão fôra carregado com estopa queimada, mais um invento do grande Manecas.



4.—Entre os destroços jaz o cadaver do *Nartz de Folha*, completamente morto. Os manos revistam-lhe as algibeiras.



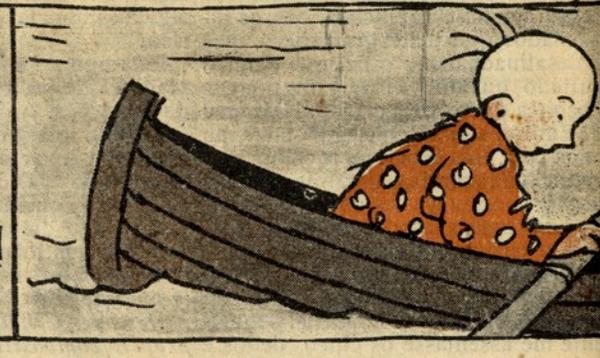
5.—e encontram a lista completa dos membros da celebre quadrilha, onde figuravam nomes de alta respeitabilidade!



6.—O outro tripulante do monoplano tinha-se raspado. Manecas segue-lhe cuidadosamente as repugnantes pégadas,



7.—até junto d'um rio, a cujas margens se encontra atracado um bote.



8.—Avistando ao longe uma ilha misteriosa, Manecas resolve-se a demanda-la e vae no bote.

(Continua).